
EDITORIAL

Iniciam-se os novos semestres letivos em todas as universidades, como sempre ocorre nesta época do ano. Formalmente, é a ocasião de ingresso de novos estudantes de pós-graduação, assim como da continuação dos projetos de teses/dissertações dos “veteranos”. Esta é a época em que as coordenações de pós-graduação se organizam para a distribuição das cotas de bolsas concedidas pelos órgãos de fomento. Em nível das agências federais, este período sempre traz, *hélas*, ansiedades, fruto da contínua redução do quantitativo de bolsas concedidas. A Química, assim como outras áreas consolidadas no sistema de pós-graduação brasileiro, sofre os reflexos desta sistemática angústia anual. Esta situação acarreta severos prejuízos às atividades de pós-graduação, uma vez que a expansão da base de bolsas, especialmente aquelas do sistema federal, não tem acompanhado o ritmo de consolidação do sistema, não permitindo, antecipadamente, um planejamento adequado, essencial ao crescimento harmônico da área. Espera-se que desta vez as agências federais possam implementar as bolsas nos prazos previstos, demonstrando, afinal a responsabilidade de gestores do sistema de pós-graduação, que, aliás, em termos *per capita* tem índices incompatíveis com os desafios que se colocam pela sociedade brasileira, inferiores a outros países ditos “menos desenvolvidos”. Esperamos que os novos dirigentes das agências federais, recentemente empossados, possam dar testemunho prático de mudanças construtivas, assegurando sua eficiência e resgatando a credibilidade destas agências, especialmente junto aos pós-graduandos bolsistas.

Os Editores